“TÔ OUVINDO ALGUÉM ME CHAMAR”. LINGUAGEM E DIFERENÇA
SOCIAL EM DEBATE

Suzi Frankl Sperber¹

RESUMO: O tema da linguagem e da diferença de linguagem e social tiveram atualidade em 2011 por conta do livro *Por uma vida melhor*, proposto pelo MEC para escolas públicas de todo o Brasil. O pivô gerador de grandes debates foi o mal entendimento de capítulo que falava sobre variação linguística como condição necessária para que os professores compreendessem o seu papel na formação de cidadãos capazes de usar a língua com flexibilidade, de acordo com as exigências da vida e da sociedade. Para tanto o capítulo apresentou exemplos que foram exorcizados: “nós pega o peixe” ou “os menino pega o peixe”. Constava: “A escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma ‘certa’ de falar; a que se parece com a escrita; e o de que a escrita é o espelho da fala. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural”.

O tema da linguagem e da diferença de linguagem e social tiveram atualidade em 2011 por conta do livro *Por uma vida melhor*, proposto pelo MEC para escolas públicas de todo o Brasil. O pivô gerador de grandes debates foi o mal entendimento de capítulo que falava sobre variação linguística como condição necessária para que os professores compreendessem o seu papel na formação de cidadãos capazes de usar a língua com flexibilidade, de acordo com as exigências da vida e da sociedade. Para tanto o capítulo apresentou exemplos que foram exorcizados: “nós pega o peixe” ou “os menino pega o peixe”. Constava: “A escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma ‘certa’ de falar; a que se parece com a escrita; e o de que a escrita é o espelho da fala. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural”.

Não diria que a escola nem que os professores tivessem este “mito”. Será que todos educadores se esqueceram das lições de Paulo Freire, que batalhou tanto e por tanto tempo, para que a alfabeti-

¹ Unicamp. E-mail: sperbersuzi@hotmail.com

zação partisse da realidade cultural e discursiva – ou da linguagem – dos alunos, crianças ou adultos pobres, de qualquer região do Brasil – e do mundo?

Para mim, que venho da área da Literatura, a nota enviada pelo MEC ao iG (e proveniente de autores não mencionados na nota² (Diogo XAVIER, Priscila NUNES, Ricardo ANDRADE - mas que constam em outro sítio) me levou a pensar. Segundo a nota:

Lidar com as diferenças é uma das maiores dificuldades do ser humano. Ao se descobrir a diversidade, em muitas ocasiões, manifesta-se a tensão, a intolerância e, principalmente, o preconceito, que se define como uma postura negativa, sem fundamentos, para com as diferenças manifestadas nas várias dimensões da vida humana. Uma forma de preconceito particularmente sutil é a que se volta contra a identidade linguística do indivíduo e que, mesmo sendo combatido, no Brasil, por estudiosos da sociolinguística, continua a ser relevado pela sociedade em geral, inclusive na escola.

A maior manifestação de desqualificação – mais que isto: de fazer desaparecer as pessoas (cf. HONNETH, 2001 e 2003) – reside não na linguagem, mas no comportamento cotidiano, social – estreitamente relacionado ao econômico. Tal tipo de comportamento é antigo. Onde foram parar os primeiros habitantes do Brasil, seus legítimos habitantes – os indígenas? Foram exterminados, na sua grande maioria. Os que sobram estão em reservas sempre invadidas, sempre palco de mais genocídio. Foi por causa da linguagem? Não. Foi por existirem e incomodarem a ambição de poder e de apropriação de suas terras. Em que postos de poder se encontra uma parcela importante da população, de origem africana? Com quantos dedos podemos contar este total de incluídos? Os oito meninos sem-teto da es-

2 <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1024050>

cadaria da Igreja da Candelária, que lá dormiam em 28 de julho de 1993, assassinados por policiais militares, foram exterminados por causa da linguagem que usavam? E os 111 mortos do Carandiru, em outubro de 1992? Os corruptos de milhões e de bilhões estão soltos porque usam a norma culta?

A norma culta dá acesso a lugares de poder. Pode ser um poder relativo, mas sempre poder. Concordo que todo preconceito é atraso de vida e que deve ser proscrito. Mas o acesso ao conhecimento é algo tão forte, que em raps, ou outro tipo de poemas de poetas populares, a concordância é respeitada (nem sempre, mas frequentemente) e o léxico diferente pode corresponder ao código cifrado do grupo.

Deixo as inquietações acima para abordar um poema específico, um rap dos Racionais MC's já trabalhado por Anna Bentes em "Contexto e multimodalidade na elaboração de raps paulistas"³. Ela analisou, em alguns raps, o conceito de multimodalidade⁴. No presente artigo analiso "Tô Ouvindo Alguém Me Chamar", de Mano Brown. O refrão "Tô Ouvindo Alguém Me Chamar" aparece no título e é repetido no começo e no fim do rap, além de mais duas vezes com bis no andamento do rap-poema. Som, audição, voz que chama o eu lírico é ouvido indistintamente, lembrando a vida que se esvaíra, que se esvai: recurso da prolepse. O poema apresenta uma narrativa metadieética, mesclando temporalidades. O eu lírico é trágico na medida em que evoca o acontecimento com o recurso de diversos sentidos e distintos modos de representação: voz, som, imagens,

³ www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/download/1911/1499 Acesso em 05.09.2012.

⁴ A multimodalidade poderia ser definida como o uso de várias semioses na elaboração de um evento ou produto semiótico e a maneira particular como essas semioses são combinadas, pois elas podem reforçar umas às outras (dizer a mesma coisa de diferentes maneiras), podem se complementar e podem ainda ser hierarquicamente ordenadas. (Kress; Van Leeuwen, 2001, apud BENTES, 2008, p. 201)

memória. Trata-se da multimodalidade discursiva, que abarca “palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografia, palavras e sorrisos, palavras e animações etc.” (DIONISIO, 2007, p. 178). Sublinho que me interessa a **função** desta multimodalidade e não a sua descrição. Seu excesso (hybris) reside na opção do eu lírico de não ser otário: “Mas sem essa de sermão, mano, eu também quero ser assim. /Vida de ladrão, não é tão ruim.” A hybris consiste em ter ambição paralela – mas muito mais modesta – que a de diversos políticos. A hamartía – erro trágico – consiste em fazer parte de um grupo que também recorre à mentira, à hipocrisia para justificar a ação violenta.

Outro momento do rap contrapõe os irmãos de sangue, mostrando a alternativa para a vida do crime:

Cuzão, fica você com seu sonho de doutor.
Quando acordar cê me avisa, morô?
Eu e meu irmão, era como óleo e água.
Quando eu saí de casa trouxe muita mágoa.
Isso há mais ou menos seis anos atrás.

A trama conta em analepse (*flashback*) a vida do criminoso.

... O Guina não tinha dó.
Se reagir, bum, vira pó.

A sequência imediata é o presente intercalado no relato da memória:

Sinto a garganta ressecada.
E a minha vida escorrer pela escada

A consciência da morte iminente introduz outro refrão – alternativa para a vida bandida: a escola e o trabalho: “Mas se eu sair daqui eu vou mudar”.

Aí entra o refrão principal, a ser bisado. A voz que chama, ou-

vida pelo eu lírico, é a daquele que fala e age em nome do Guina, o ex-companheiro de roubos, amigo, então preso. Mas é também a voz quer da consciência, quer da sociedade, quer do sistema, quer da pulsão de vida. O chamado chama a atenção para a morte, mas mantém o élan para a vida. Esta ambiguidade é de suma importância.

Antes a trama apresenta um Robin Hood respeitado, poderoso. A atitude dele, refletida em suas palavras, é fundamental para estas considerações.

- Como é que é neguinho?
Humm.... Se dirigia a mim, e ria, ria, como se eu não fosse nada.
Ria, como fosse ter virada.
Estava em jogo, meu nome e atitude. (tiros)

O eu lírico é chamado de neguinho. O diminutivo corresponde à forma eufemística de destratar alguém – especialmente um negro, reduzindo nome e identidade a um qualificativo diminutivo. Reflete o comportamento da sociedade e sistema com relação ao que se quer desprezar, reduzir socialmente: “como se eu não fosse nada”. Do ponto de vista ético corresponde às atitudes criticadas por Spinoza-Nietzsche-Deleuze: é a dominação do outro, infundindo tristeza, constrangimento, culpa. A reação é de revolta – o que é bom do ponto de vista ético do sujeito que rememora-lembra-grita-resiste, ainda que resulte em uma morte – mas que é mal do ponto de vista moral de quem aniquila moral, socialmente e na realidade. “Estava em jogo meu nome e atitude. (tiros)”

A linguagem do poema é primorosa. Corresponde à norma culta, ainda que a dicção corresponda ao grupo de inserção do eu lírico na cena da vida marginal. Então, para que não tenhamos dúvidas, o poeta esclarece a origem da ação negativa, destrutiva:

Lembro que um dia o Guina me falou.
Que não sabia bem o que era amor.
Falava quando era criança.
Uma mistura de ódio, frustração e dor.
De como era humilhante ir pra escola.
Usando a roupa dada de esmola.
De ter um pai inútil, digno de dó.
Mais um bêbado, filho da puta e só.

Era humilhante ir para a escola não porque a professora o desqualificasse pela linguagem empregada, mas pela roupa de esmola, pelo pai bêbado, pela mãe ausente. Portanto, a própria vida familiar disfuncional e de pobreza já levava à desqualificação social.

Prestou vestibular no assalto do busão.
Numa agência bancária se formou ladrão.
Não, não se sente mais inferior.
Aí neguinho, agora eu tenho o meu valor.

Sua ascensão social – imaginária e apenas perante os membros de seu bando - se dá pelo crime: “Aí neguinho, agora eu tenho o meu valor”.

Como o eu lírico procura ser respeitado, consegue-o em um certo meio. Trata-se de uma estratégia de sobrevivência. Mas há quem queira aproveitar-se dele. E o chantageia, dizendo que traíra o amigo: “Diz que o Guina tá em cana e eu que caguetei”

A estratégia de apropriações é conhecida pelo eu lírico.

Logo quem, logo eu, olha só, ó.
Que sempre segurei **os B.O.**
Não, eu não sou bobo, eu sei qual é que é!
Mas eu não tô com esse dinheiro que **os cara quer**.

E quando vê chegada a sua hora, que sabe que viria, desiste da luta contra o “destino”, desiste de ser um sobrevivente (noção de Giorgio Agamben): “Se é isso que eles querem. / Então vem, me mata”.

Neste momento o eu lírico passa a ter o perfil de “muçulmano”, cf. definição de Giorgio Agamben, a saber, ele renuncia a sobreviver, entrega sua vida à fatalidade. O mecanismo corresponde ao jogo de forças políticas estudadas por Agamben, que atuam sobre o sujeito. O sujeito é entendido como campo de forças atravessado pelas “correntes impetuosas, historicamente determinadas, da potência e da impotência, do poder-não-ser e do não-poder-não-ser”. É a “ruína histórica e traumática pela qual a necessidade é introduzida à força no real”.

Em outro livro Agamben define o *homo sacer*, que corresponderia a este “muçulmano”. É uma pessoa excluída de todos os direitos civis, enquanto a sua vida é considerada “santa” em um sentido negativo. Pode ser morto por qualquer um, porém não pode ser morto em rituais religiosos. É o indivíduo matável sem julgamento. Existe uma diferença entre os dois termos, *homo sacer* e *muçulmano*. O *homo sacer* é passivo. É **transformado** em *homo sacer*. O *muçulmano* é ativo: ele **desiste** da vida por sua – aparente – vontade. Daí esta desistência da vida ser configurada como algo impossível.

É preciso esclarecer que no rap “real” e “necessidade” estão referidos às pulsões de vida e de morte estudadas por Freud, e à sua economia ditada pelo princípio de realidade. Freud postula que “[o ego] consegue discernir se a tentativa de obter satisfação deve ser efetuada ou adiada, ou se a reivindicação da pulsão não deverá ser pura e simplesmente reprimida como perigosa.” A pulsão de vida estabelecerá um compromisso entre o princípio do prazer e o da realidade. A “necessidade” determinaria o princípio de realidade. “A ruína histórica e traumática” levaria o indivíduo a voltar ao estado anorgânico – eliminando as tensões e aceitando a morte.

A aceitação da morte não se apresenta sem fissuras. O movi-

mento interno é contraditório:

Eu quero viver, não posso estar morto.

O grupo social no qual vive este eu lírico é o da margem: da favela⁵, hoje chamada por alguns de comunidade. Nele há um código de ética que consiste em não trair. Quem trai, morre. Mas os membros deste grupo social têm ganância paralela aos do grupo do poder dominante. Daí mentir para chantagear.

Maior que o medo, o que eu tinha era decepção.

A traição, a pilantragem, a traição.

Meus aliado, meus mano, meus parceiro.

Querendo me matar por dinheiro.

Portanto, ainda que o grupo seja marginal, a perda de valores por ambição é semelhante à do grupo dominante. A impotência é paralela à decepção. Diz Pelbart:

Nas condições da pós-política contemporânea, dado o controle biopolítico da vida, assistimos, como no campo de concentração, ao "apagamento do sujeito como local de contingência", ao seu desabamento no reino da necessidade, testemunhamos a redução da subjetividade à condição da mais crua objetividade dessubjetivada. No contexto contemporâneo, a vida nua dá a ler-se nesse rebaixamento da vida à sua mera atualidade, de onde foi evacuada a própria possibilidade. (PELBART, 2009)

A vida rebaixada que explica a redução do sujeito à vida nua, à

⁵ "Em biologia, comunidade é o conjunto de todos os organismos vivos, de todos os tipos, que habitam em um dado ecossistema. Qualquer parte da cidade é uma comunidade. Favela foi a primeira moradia de ex escravos, o nome favela surge de uma planta, da natureza. Somos favela e lutamos pelo fim do estigma negativo que as classes sociais mais privilegiadas estabeleceram como certo. Favela não é ruim, não é negativo. Apenas um lugar que por muito tempo o Estado não assistiu, não atendeu, não se fez presente. Porém, instituições como o Descolando Ideias, a CUFA e o Afroreggae usaram sua força e capacidade de mobilização para buscar ações transformadoras do Estado nesses territórios então esquecidos" descolandoideias.blogspot.com/2011/08/comunidade-x-favela-qual-e-o-certo.html Acesso em 14.11.2016.

zoé, não é, contudo, fenômeno da contemporaneidade. Repete-se hoje, mas equivale aos processos de desaparecimento social referidos por Alfredo Moffatt, existentes pelo menos desde que há colonizadores, guerras e interesses econômicos. E – não deixemos de observar – são mecanismos espelhados em cada grupo, seja da superestrutura do poder, seja o poder de plantão de cada grupo menor.

A redução do indivíduo à condição de zoé não passa obrigatoriamente pela linguagem.

A condição de zoé leva a becos sem saída, à busca de falsas soluções, visto que as verdadeiras lhe são negadas. Neste sentido vida e densa descrição da situação do moribundo se apresenta como dupla injunção.

Universo paralelo ao apresentado no rap “Eu tô ouvindo alguém me chamar” aparece no romance de Paulo Lins, *Cidade de Deus*. Ao estudar o romance, observei a recorrência de um recurso de linguagem-mecanismo psíquico chamado por George Bateson (1950) de ‘*double bind*’ - dupla injunção. Esta consiste em criar uma situação na qual o indivíduo é submetido a uma dupla injunção contraditória. Se ele obedecer a uma das injunções, transgredirá automaticamente a outra. Trata-se de uma comunicação paradoxal. Diante de um paradoxo, praticamente não há escolha, apesar de a enunciação ou situação se apresentar como aberta a alternativas. É um recurso comunicativo, e não propriamente de linguagem. Tal mecanismo comunicativo aparece até mesmo no rap referido:

Mas se eu sair daqui eu vou mudar.
Eu tô ouvindo alguém me chamar.

Este é o momento trágico por excelência do rap, que revela talvez algo novo sobre o trágico. O trágico reúne duas características básicas, a *hybris* e a *hamartía* (como já postulou Aristóteles...) que,

em certa medida, se apresentam como dupla injunção. As circunstâncias, a vida, nas obras trágicas, dariam pouco espaço verdadeiro para o livre arbítrio, afunilando a ação e encaminhando-a para uma situação paradoxal⁶.

Voltando ao rap em estudo, do ponto de vista da linguagem, há poucos momentos correspondentes ao padrão cotidiano – não culto – de linguagem: “os cara quer / os BO / Meus aliado, meus mano, meus parceiro /”. Esta recorrência representa – inconscientemente? – a dupla injunção e a introdução da subversão da ética do grupo. O apagamento do outro obedece a interesses espúrios, camuflados de éticos.

O que as obras estudadas (rap e *Cidade de Deus*) apresentam é a violência – vida nua, zoé – exercida tanto no macro grupo do poder dominante, no centro, como dentro dos micro grupos das margens, onde também se subdividem os micropoderes, imitando a mesma estratégia de apagamento, de levar ao desaparecimento, sem julgamento, daqueles que perturbam o desejo de poder econômico. A mutilação não é, pois, cultural. E é mais que mutilação: é extermínio.

Se a expressão mais adequada para a maravilha da existência do mundo é a existência da linguagem, qual será então a expressão justa para a existência da linguagem? A única resposta possível a esta per-

⁶ Segundo Slavoj Žižek, o Herói assume plenamente a fundação suja e obscena do poder. É aquele que diz: “Mãos à obra, alguém tem de fazer o trabalho sujo”. Assume que o Real é alcançado pela destruição do elemento excessivo que o antagonismo da revolução produz. Age por si, sem antecipar consequências. O seu lema é: “Atacamos e logo veremos”. Slavoj Žižek considera esta expressão interessante pelo fato de combinar o voluntarismo, uma atitude ativa, empreendedora, arriscada, e um fatalismo mais fundamental: uma pessoa age, salta e depois... espera que as coisas corram bem. Segundo ele esta poderia ser a posição de que mais precisamos hoje, já que divididos entre as duas faces da “ideologia espontânea” da globalização contemporânea – por um lado, o pragmatismo utilitário e ocidental e, por outro, o fatalismo oriental. Proponho que o pragmatismo utilitário ocidental corresponde ao comportamento aniquilador, exterminador tanto do poder central, como do poder marginal. O fatalismo oriental corresponde ao “muçulmano” de Agamben e decorre de que o contraponto paradoxal não pode ter alternativa a não ser que seja formulada uma terceira vertente, que subverta a dupla injunção.

gunta é: a vida humana enquanto *ethos*, enquanto vida ética. (AGAMBEN, 2008, p. 17)

Ora, a vida ética implica o respeito, implica a ética da alegria e da liberdade deleuzianos – e, para que esta se exerça, quem nota a desigualdade e injustiça tem o dever ético de reagir, de scandalizar-se, de revoltar-se. Em busca de igualdade verdadeira, com mais oportunidades e estímulos a serem dados para quem não os recebeu em sua origem. Como o indica o projeto de Sérgio Vaz, da Cooperifa, onde o pressuposto é que todos dominam a linguagem (do jeito possível, sem censura!), todos podem e devem fazer poesia, todos devem ser aplaudidos e o refinamento progressivo da linguagem e dos discursos – poéticos – se dá pela experiência e persistência. O parâmetro é o da boa poesia, da boa linguagem, em miríades de alternativas diferentes de qualquer situação paradoxal expressa por mecanismos de dupla injunção.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história - destruição da experiência e origem*. Trad. Henrique Burigo. Nova edição aumentada. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua*. Trad. Henrique Burigo 2 ed.. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BENTES, Anna Christina. “Contexto e multimodalidade na elaboração de raps paulistas.” Revista *Investigações - Linguística e Teoria Literária*. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. v. 21, n. 2 (2008), pp. 199-219.

DAS, Veena y Deborah POOLE. “El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas”. In *Cuadernos de Antropología Social* Nº 27, pp. 19–52, 2008.

DIONISIO, A. P.. "Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades)". In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (orgs.). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

HONNETH, Axel "Invisibility: on the epistemology of 'recognition'" in *Supplement to the Proceedings of The Aristotelian Society*, Volume 75, Number 1, July 2001, pp. 111-126(16).

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais*. Editora 34, São Paulo, 2003.

MOFFATT, Alfredo. "Desaparecidos sociales". Acesso em 13/06/11. Em <http://www.mediafire.com/?z3058f7jfry2s25>

PELBART, Peter Pál. "Potência de não: linguagem e política em Agamben" In *Revista Literária Polichinelo* — v. 10 - Escrita rizomática. Acesso 06/06/2011. Em http://www.polichinello2004.blogspot.com.br/2009_05_01_archive.html

SPERBER, Suzi Frankl. *Identidade e Alteridade: conceitos, relações e a prática literária*. Campinas: Publiel-Unicamp, 2009. Coleção "Work in Progress. Nº 1".

XAVIER, Diogo, Priscila NUNES, Ricardo ANDRADE, Gláucia NASCIMENTO (orientadora) e Fanuel PAES (orientador). "O preconceito linguístico na sala de aula: atitudes de professores e alunos em sala de aula de 7ª e 8ª séries diante da variação linguística". *Revista FAFIRE CD-Rom V. 2, Nº 1*, 2009. ISSN 1982-5682 Publicado em Recanto das Letras em 07/06/2008 – Código do texto T1024050. Em <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1024050>

ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao Deserto do Real!* Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

Recebido em 01/03/2017

Aceito em 20/03/2017